

CLIPPING IMPRESSO

03/11/2019



INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. PRESIDÊNCIA.....	1
2. JORNAL O PROGRESSO	
2.1. CENTRO JUDICIÁRIO DE SOLUÇÃO DE CONFLITOS.....	2
3. JORNAL PEQUENO	
3.1. ASSESSORIA.....	3

BASTIDORES

Raimundo Borges
bastidores@oimparcial.com.br



Togas em alvoroço (1)

A eleição de presidente e demais membros da mesa diretora do Tribunal de Justiça movimentou togas de várias formas, no jeito particular dos desembargadores fazerem a política interna. O presidente José Joaquim apoia a candidatura de Lourival Serejo, enquanto a desembargadora Nelma Sarney está firme na disputa, que pode contar com a presença de Paulo Velten, depois que Marcelo de Carvalho desistiu de concorrer.

Togas em alvoroço (2)

A desembargadora Maria da Graça, que poderia reivindicar a posição de presidente pelo rodízio dos mais antigos que não ocuparam o cargo, vai querer a Corregedoria. Mas tem a vice-presidência, que pode haver disputa entre a desembargadora Ângela Salazar e provavelmente, Jaime Ferreira de Araújo. A ordem de antiguidade, por sinal, já foi quebrada há algum tempo na corte.

SOLUÇÃO DE CONFLITOS

Semana Nacional da Conciliação começa nesta segunda

Tem início nesta segunda-feira (4) a XIV Semana Nacional da Conciliação. A abertura oficial do evento, em São Luís, acontecerá às 9h, no 1º Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania, no Fórum do Calhau. Mais de 11 mil audiências estão agendadas em todo o Estado.

A iniciativa - que se estenderá até o dia 8 de novembro - está sendo coordenada pelo Núcleo de Solução de Conflitos do Tribunal de Justiça (Nupemec/TJMA), presidido pelo desembargador José Luiz Almeida e coordenado pelo juiz Alexandre Abreu. Cento e nove (109) comarcas do Maranhão participam da iniciativa em prol da conciliação, do diálogo e da pacificação social.

Esta edição terá como tema "Conciliação: todo dia, perto de você". O objetivo da campanha é reforçar que

o método de solução de conflitos, incluindo a fase pré-processual do conflito, está disponível a todos os interessados, diariamente nos tribunais.

No Fórum de São Luís, as audiências processuais e pré-processuais serão realizadas nas Varas Cíveis e no Centro de Conciliação, em parceria com diversas instituições e empresas. Comarcas de todo o Estado também participam da iniciativa em prol da conciliação, do diálogo e da pacificação social.

NACIONAL - A Semana Nacional de Conciliação - coordenada pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ) - ocorre anualmente, desde 2006, em parceria com tribunais estaduais, trabalhistas e federais. Durante o mutirão, os tribunais selecionam processos que tenham possibilidade de acordo e intimam as



partes envolvidas para tentarem solucionar o conflito.

CONCILIAÇÃO - A conciliação é orientada pela Resolução CNJ nº 125/2010, que instituiu a Política Judiciária Nacional de Tratamento Adequado dos Conflitos de Interesses no Âmbito do Poder Judiciário.

Os princípios orientadores da Política do CNJ incluem informalidade, simplicidade, celeridade, oralidade, flexibilidade

de e economia processual. A solução de conflitos pela via da conciliação dispensa a atuação imediata de advogados e do juiz. Este último apenas valida formalmente os acordos negociados entre as partes.

Para mais informações: Coordenação de Métodos Consensuais de Solução de Conflitos (98) 3198.4558 ou Telejudiciário 0800-7071581/98 3198.4555. (**Amanda Campos - Ascom TJMA**)

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br



Uma pedra irrevogável no caminho da poesia brasileira

Poeta, contista e cronista de vários jornais brasileiros, Carlos Drummond de Andrade – um dos mais influentes poetas do Século XX – foi o expoente da segunda geração do Modernismo brasileiro, traduzindo em sua obra a realidade social.

Se a vocação para o jornalismo não pôde ser inteiramente cumprida, ela esteve sempre presente na trajetória de Drummond, desde a vida no interior de Minas Gerais até a notoriedade nos jornais ‘Correio Manhã’ e ‘Jornal do Brasil’, ambos do Rio de Janeiro.

Em 1945 – aceitando convite do líder político de esquerda, Luís Carlos Prestes – ele assumiu a editoria do jornal do Partido Comunista Brasileiro (PCB), ‘Tribuna Popular’, do qual saiu contrariado com algumas imposições. A estreia de Drummond no jornalismo foi precoce. Ele era ainda estudante quando publicou seus primeiros textos em jornais de pequena circulação. Mais tarde, a imprensa diária lhe garantiria parte do sustento. Em 1921, no jornal ‘Diário de Minas’, expôs ideias renovadoras, com textos sobre o novo ideário literário e intelectual.

Dono de vasta obra literária, Drummond apoiou vários poetas brasileiros, incluindo João Cabral de Melo Neto, que o considerou a árvore, à sombra da qual muitos poetas cresceram no Brasil.

A poesia de Drummond interage com diversos tipos de dicção, desde a mais próxima do coloquial (Alguma poesia, José, Brejo das almas), passando por uma linha mais social (A rosa do povo) e por outra mais hermética (Claro enigma, A vida passada a limpo e Lição de coisas), sem, no entanto, serem rigidamente separadas, como observam vários críticos em seus estudos sobre o poeta.

Muitos de seus poemas ficaram populares, sobretudo alguns versos: “Quando nasci, um anjo torto; desses que vivem na sombra / disse: Vai Carlos! ser gauche na vida”; “E agora, José?”, “Tinha uma pedra no meio do caminho”. Até hoje, sua poesia traz constantemente o choque com a modernidade e uma alteridade, que se reproduz em poemas amorosos e metalinguísticos.

Boa parte da fortuna crítica de Drummond deve-se ao interesse das questões mais vivas, formuladas com tanta intensidade, que o poeta disseminou em seus discursos poéticos.

A modernidade de Drummond não escamoteou os lados atrasados da sociedade brasileira. Ele soube tratá-los com imaginação e se relacionar criticamente com eles.

No curso da Segunda Guerra, quando aflorou à consciência artística a necessidade de participação nos acontecimentos, Drummond não tomou o partido fácil de escolher entre os dois polos.

Pelo contrário, fez do seu engajamento uma tensão permanente entre puro e impuro, poético e antipoético, entre centramento lírico e abertura do poema ao mundo.

São essas tensões que alimentam ‘A rosa do povo’, colocando sob suspeita a viabilidade de uma ou outra forma de expressão. Dessa maneira, Drummond experimentou as possibilidades da linguagem poética até o limite de suas forças expressivas.

Drummond acompanhou e registrou os acontecimentos nacionais e internacionais mais marcantes de seu tempo.

É o passado que ainda vive subjetivamente no presente, invadindo ou embaçando o olhar que se dirige ao mundo, tendo uma força de revelação inegável para melhor compreendermos o movimento modernista no Brasil. Mesmo sendo um poeta ligado ao seu passado patriarcal, assumiu posições socialistas lúcidas e sempre atentas às disparidades da sociedade brasileira. É difícil dizer que Drummond escreveu realmente algum poema de amor. Talvez tenha usado os temas amorosos para revelar a condição humana em sua finitude e efemeridade.

Praticou a crítica literária e artística e o ensaísmo à sua maneira. Sua obra poética é uma indagação permanente sobre a poesia, o poema e a linguagem, sempre inserida no quadro histórico em que o poeta viveu.

Com uma obra fervilhando de análises, Drummond problematizou os impasses do século XX e instalou-se como pedra irrevogável no meio do caminho da poesia brasileira.

Numa entrevista concedida ao jornalista Pedro Bial o biógrafo de Drummond, José Maria Cançado, chegou a dizer que o poeta era imbiografável.

De fato, a biografia, mesmo de um falecido, está sempre em movimento, em gestação, crescendo no imaginário alheio. Enquanto houver escrita e memória, as coisas que se foram voltarão sempre.

No livro ‘O dossiê Drummond’ (Editora. Globo/1990), tem uma declaração curiosa de Carlos Drummond de Andrade feita numa entrevista concedida ao saudoso jornalista da Rede Globo, Geneton Moraes.

Ao ser perguntado por Geneton sobre os versos de sua autoria “e como ficou chato ser moderno. Agora serei eterno!”, Drummond respondeu: “Isso, evidentemente, é uma brincadeira. Não tenho a menor pretensão de ser eterno. Pelo contrário: tenho a impressão de que daqui a 20 anos – e eu já estarei no Cemitério São João Batista – ninguém vai falar de mim, graças a Deus. O que quero é paz”. Seu pedido, obviamente, não foi atendido e ele continua vivo, vivíssimo.

Drummond fez uma experiência de Deus ainda muito novo, e passou por uma amarga expulsão do Colégio Anchieta, por um desentendimento com um professor de gramática.

Ele foi expulso do colégio por “insubordinação mental”, porque escrevia poesias nas aulas de ensino religioso, que era quando mais se sentia inspirado. Tal expulsão o abalou profundamente.

Tal expulsão o abalou profundamente. Perto dos 17 anos, Drummond declara: “Perdi a Fé. Perdi tempo. Sobretudo, perdi a confiança na justiça dos que me julgavam”.

O que mais fascinava Drummond no Colégio eram os jesuítas, pela sua aura de intelectualidade em sua busca de conhecimento. Ele mergulhou no universo jesuíta, aceitando plenamente os valores e as normas do colégio e da instituição, bem como do catolicismo, comungando e confessando quase diariamente. Ele viveu uma época difícil em que o cristianismo era marcado por grave acento racionalista que nem mesmo a Companhia de Jesus conseguiu escapar.